

O Papel do YouTube na desconstrução de Estereótipo LGBT.

Augusto Rafael Brito Gambôa

Resumo

Os processos relativos à constituição da identidade galgam um longo caminho até que possam tomar formas, talvez menos abstratas, nos corpos. As conexões virtuais na cibercultura expandem o universo das representações identitárias, de maneira que sites de compartilhamento de vídeos como o YouTube, contribuem para desconstrução de estereótipos LGBT, modificando a percepção social sobre estas, permitindo que indivíduos possam ser, viver, expressar, engajar, amar, comportar, significar e significar-se de inúmeras formas. O acesso a este universo de possibilidades pode interferir na percepção da própria identidade? Como base para o texto utiliza-se os Trabalhos de Lucia Santaella, Judith Butler, Michel Foucault, entre outros autores e seus conceitos identitários.

Palavras- Chaves: Identidade, LGBT, Estereótipo, Desconstrução, Cibercultura

Introdução

As conexões virtuais na cibercultura expandem o universo das representações modificando a maneira que o individuo compreende-se em seu próprio universo, permitindo que indivíduos possam ser, viver, expressar, engajar, amar, comportar, significar, de maneiras diferentes; desta forma o site de compartilhamento de vídeos, YouTube é visto como uma forma de desconstrução de estereótipos sociais que por meio das representações sociais digitais é capaz de trazer para o campo do não virtual as referencias identitárias deste espaço.

O papel de sites de compartilhamento de vídeo, YouTube, oferece maior quantidade de representações de identidades Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, de modo que as representações que antes eram de certa forma “limitadas” e pouco representativas a nível de pluralidade, nos meios de comunicação *Off-line* como televisão, que eram retratados por vieses em geral estereotipados, podem ser representados de maneira plural, desconstruindo narrativas reguladoras das identidades em discursos sociais que limitam seus acessos sociais.

Os corpos identitários refletem um universo de significados, que talvez o próprio indivíduo não seja capaz de inteligir. O que está fora do corpo é resultado da influencia

do indivíduo, ou será o oposto? O que está fora resulta em quem nos constituímos enquanto indivíduos?

O homem, mulher, masculino, feminino, homossexual, heterossexual, indefinido, indeterminado, *Queer*, inteligível; existe um imenso espaço entre uma vírgula e um universo matematicamente incalculável de possibilidades no que diz respeito às formas identitárias.

Se os corpos fossem percebidos como uma fronteira simbólica que influencia e é influenciada por uma dinâmica social, e o que está além desta fronteira envia informações que ao ultrapassarem os limites do sujeito são interpretadas e reinterpretadas, inúmeras vezes, por meio de um inexorável fluxo de signos que ao encontrarem o limite de um corpo são devolvidos para o mundo que recebe uma informação sobre como queremos ser vistos.

Assim, interpretam-se as identidades e suas linguagens, por meio de corpos sociais, culturais, corpos fenomenológicos, que interagem e se comunicam, modificam, são modificados, e funcionam, talvez, como uma estrutura reflexiva do que queremos que o mundo saiba sobre nós.

Assim compreende-se a perspectiva das identidades, como indivíduos sujeitos a um discurso que ao encontrar a informação em suas representações capacita-se a lutar pelo seu espaço na sociedade, desconstruindo as percepções e noções sociais impostas e reforçadas por vieses midiáticos.

1- A identidade que se quer; a identidade que não se quer e a identidade que se pode ter.

O significado que é dado ao mundo a nossa volta por meio da interação que ocorre com os símbolos que são mostrados desde o nascimento que é de caráter individual, ou seja, os símbolos só ganham um significado quando encontram um agente significador que o faz dentro de sua própria subjetividade.

O próprio corpo é um dos espaços em que a identidade é expressa, através deste indivíduo ou agente significador que comunica para o que está fora, ou além dele, o que ele quer que vejam, como uma tela de pintura “O corpo é um dos locais envolvidos no

estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual”. (WOODWARD, 2014, p.15).

Considerando a dinâmica social relacional que é estabelecida durante os processos inerentes a constituição da identidade, no qual “O que somos e O que não somos”, ganha significado, entende-se que uma parte de nossa comodidade social diz respeito às representações de nós mesmos, haja vista que uma boa parte do que somos é resultado de nossas experiências sociais.

Se no imaginário, a constituição do Eu se dá na hesitação mortífica do eu-outro, o registro Simbólico introduz um terceiro termo, o Outro, isto é, o significante. De um lado essa mediação superpõe-se ao Imaginário e o organiza, levando o sujeito a encontrar um lugar pra si em um ponto, o ideal do Eu, que determina e sustenta a projeção imaginária sobre o Eu Ideal. (SANTAELLA, 2004, p.145)

De uma perspectiva essencialista as questões biológicas possuem alguma influencia sobre a maneira como se vivenciam os gêneros identitários expressos nos corpos. Contudo, quando se leva em consideração que as matrizes biológicas são, antes de tudo, interpretações realizadas por meio de significados, e que somos capazes de racionalizar a certo ponto a compreensão sobre como devemos e queremos ser percebidos, vale questionar até que ponto um indivíduo é “predestinado” biologicamente a ser como é.

Pode-se perceber que talvez exista uma complexa dinâmica não essencialista, que interage com as concepções biológicas que entre outros aspectos, incluem as interações sociais com o outro, com as representações, com que está fora do nosso corpo que dá significado sobre a maneira como o mundo é visto, fazendo com que a fixação da identidade seja, talvez, uma ideia inconcebível, logo acreditando em sua fluidez.

Vale ressaltar que o aspecto fluido das identidades em nada se compara a um mecanismo de escolha ou mesmo controle, a abordagem é de uma perspectiva discursiva, a percepção de uma identidade fluida é percebida como algo que não possui uma maneira certa ou mesmo coerente para existir, desconsiderando, por exemplo, a homossexualidade como uma ramificação da heterossexualidade, ambas as identidades são possíveis e existem sem interdependência matricial.

Seria ainda sim difícil afirmar que em algum momento da história, as identidades que compreendem os corpos foram coerentes, lineares ou plenas, haja vista a dificuldade de mapear tais informações históricas (HALL, 2006). Quando se pensa em uma identidade subjetiva, que é constituída, entre outros, por meio de dinâmicas culturais, que adquirem um sentido quando vivenciado e racionalizado por um indivíduo, por meio de processos simbólicos que se dão por intermédio da linguagem, como veremos mais a frente.

A imagem de uma identidade definida, centrada, uniforme ou até mesmo racional, está presente também nas práticas institucionais, que por sua vez tomam como base, perspectivas que defendem e reproduzem uma forma única de ser para o indivíduo. Possivelmente, com o intuito de estabelecer estratégias reguladoras para determinadas finalidades, como por exemplo: o “oriental bom em matemática”, a “mulher negra faxineira”, entre outras percepções e práticas sociais que dominam o senso comum. Comportamento este reforçado pelas mídias que trabalham freneticamente pela preservação de uma concepção de um indivíduo “coerente” que fundamenta tais práticas (SANTAELLA. 2004.p 125), Desta forma não acreditando que a mídia cria identidade, mas sim, reforça esterótipos identitários.

É incerto afirmar se essa identidade possui uma forma ou um corpo formal real propriamente dito, pois o constante deslocamento das identidades motivado por nossa incompletude, bem como as multiformas do indivíduo faz com que nunca nos sintamos satisfeitos e plenos com este indivíduo construído, predeterminado, assim, constantemente o indivíduo está em processo de construção e desconstrução, sempre pensando, transgredindo e subvertendo a si próprio, assim como os símbolos, que se modificam, e que adquirem novos significados no campo social.

As representações possuem um papel de extrema importância no que diz respeito às questões identitárias, haja vista, que muitos dos comportamentos reproduzidos em sociedade talvez se tornem “fato” por meio de repetições midiáticas, como em uma narrativa de telenovela na qual a mulher negra é sempre a empregada da casa, ou mesmo o homossexual é sempre engraçado, até mesmo duas mulheres que se relacionam sexualmente sempre que querem agradar a um homem, entre outras construções. Se por um lado nunca se está pleno com a identidade. Como se pode ser o que não se pode ver? O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER. p.69, 2014)

Desta perspectiva a identificação do gênero é sujeita a um discurso que o aloca em determinada posição social, fazendo com que o acesso aos diversos setores sociais seja de alguma maneira uma imposição expressa verbalmente ou mesmo de maneira não verbal por meio das práticas sociais, que são reforçadas pela repetição cotidiana na mídia.

A questão não é refletir se a mídia “manipula” as pessoas. A questão é refletir sobre a reprodução de estereótipos que talvez reforcem costumes culturais, transformando-os em “verdades” por repetição de maneira que a cibercultura e suas ferramentas, como o YouTube, buscam colaborar em algum ponto para a desconstrução destes estereótipos construídos.

O ambiente virtual por permitir o acesso a um mundo de informações e representações vem para desestabilizar este sistema de repetições, e trazer novas reflexões para o mundo “real”, por assim dizer, já que as informações aprendidas nestes ambientes não são limitadas ao virtual.

2- As representações nas mídias

Os Corpos identitários constroem uma narrativa através do tempo que mostra que a muito já se questionam as predestinações naturais das fronteiras do indivíduo. Estes corpos que já assumiram várias formas e padrões com passar das décadas e foi visto de várias maneiras, coberto e descoberto, escravizado e livre, magro e gordo, o bonito e feio; na moda o corpo *In* e *out*, entre outros aspectos da identidade corpórea. O corpo que comunica uma insatisfação com o sistema que vira palco de protesto e que modifica seu significado na maneira como é exibido, em que, por exemplo, na era digital este corpo deixa de ser nu para se tornar *nude*. Desta maneira depende da linguagem em que este indivíduo esta inserido

Se o corpo é a fronteira do individuo que define quem nós somos. Talvez o indivíduo construa suas fronteiras da maneira que interpreta suas experiências, da maneira que dá sentido a si mesmo, aonde o sujeito se posiciona de acordo com sua interpretação do mundo.

É por meio dos significados reproduzidos pelas representações, que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive

sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possíveis àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD. 2014. P.18).

Se por um lado às instituições, de maneira geral, seguem uma normatização que cultiva a noção de uma identidade fixa e regradada, seja por influências histórico-culturais, por lógica do sistema capitalista ou simplesmente por deliberado interesse de um jogo de poder que busca uma hegemonia. A cibercultura vem dar visibilidade a multiplicidade de representações de identidades, mostrando a pluralidade humana, permitindo com que o processo de constituição da identidade do sujeito *uno* possa ser questionado, desestabilizando hegemonias e permitindo o acesso a novas linguagens. “É através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural” (SANTAELLA. 2007. p.91).

Fundado em 2005 O YouTube, é um site de compartilhamento de vídeos que funciona como uma plataforma que possibilita a manifestação áudio visual de diversas identidades.

Com este pensamento toma-se como base analítica esta abertura ao contato com outras formas de identidades de grupos LGBT, para que se compreenda a possível relação entre o aumento das representações e a liberdade identitária fomentada pelo acesso a informação.

3- Entre C.J. Parker e Dana Scully.

Nos anos 90 a série SOS Malibu (originalmente *Baywatch*) trazia um estereótipo do gênero feminino para a televisão, vivida pela atriz Pamela Anderson, a personagem C.J. Parker era uma mulher loira, voluptuosa, e que não era conhecida por sua inteligência; e as cenas que enfatizavam tais atributos reforçavam estas características; ainda na mesma década surge o seriado Arquivo X, em que, oposto ao estereótipo de SOS Malibu, a Atriz Gillian Anderson, dava vida a agente Dana Scully, que possuía o foco na inteligência da personagem, e pouco apelo a seus atributos físicos, que mesmo sendo clara oposição ao primeiro exemplo, representou outra vertente do gênero feminino por nove anos na TV.

Esses símbolos que eram vistos na televisão nos anos 90 serviam de referência para o indivíduo que se identificava com o gênero feminino, mostrando-lhe o que poderia (ou não) ser, além de reforçar um comportamento cultural.

Nestes dois exemplos estamos falando de uma única mídia - a televisão, e duas representações, que por meio de uma transformação no estereótipo da mulher, descentrou o sujeito, fazendo com que este pudesse “ser” mais de uma única coisa. Na atualidade com a emergência dos ambientes virtuais o indivíduo possui múltiplas referências de identidade em que várias representações são colocadas e este pode optar por uma ou outra, ou ainda nenhuma, de modo que este deslocamento das identidades talvez de origem a novos significados, que um indivíduo pode expressar em seu corpo.

Neste ponto do discurso é importante enfatizar que as razões que levam o sujeito a optar e não optar por uma identidade não serão abordadas neste texto. Contudo, de uma perspectiva dos estudos culturais compreende-se que a quantidade de representações de pessoas LGBT no YouTube torna possível que um indivíduo possa ver a si mesmo e estabelecer significados que lhe conferem o poder para decidir quem é e quem não é em níveis diferentes de representação.

Vale ressaltar que o desconforto com a identidade não é visto como opcional em caráter social, se trata de uma perspectiva que compreende que as representações trazem ao indivíduo silenciado pelo não encontro de si nos meios sociais *off-line*, a opção de tirá-lo da inércia, propiciando uma fuga da apatia social diante sua percepção como minoria identitária ou diferente, trazendo-lhe autoestima para a participação social plena.

Os sistemas simbólicos das representações estabelecem a posição do sujeito, apoiando-se em três pontos de raciocínio que fornecem respostas a constituição da identidade, Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Tais sistemas tornam possível aquilo que somos e no qual podemos nos tornar, “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição de sujeito particular – O adolescente “esperto”, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível” (WOODWARD.2014.p.18).

A variedade de representações de um mesmo grupo permite com que estereótipos sejam desconstruídos, e com as conexões virtuais as possibilidades de representações são maiores. Talvez não ficando tão presa a um sistema de compra e venda de imagem,

que acaba por reproduzir repetidamente imagens como: A mulher bonita, mas pouco inteligente; o homossexual afeminado e engraçado; o homem heterossexual “pegador” e macho alfa. Que faz com que a repetição de tais estereótipos sejam tomados como base referencial para que se construa um “fato” social se convertendo, talvez, em uma verdade absoluta em termos culturais.

A concepção das múltiplas representações no YouTube vem para descentrar ou deslocar a ideia de um indivíduo *uno* ou único, no qual o mesmo tenha que ser o homem bruto, masculino que faz coisas de homem, e a mulher seja doce, meiga, submissa; ou mesmo que para ser uma mulher tenha que necessariamente ter nascido com órgão correspondente; ou para ser homem devem-se manter relações sexuais com mulheres, e vice-versa. De modo que estas múltiplas representações têm diferentes significados para um indivíduo, produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes (WOODWARD. 2014. P.19).

O ciberespaço, bem como o objeto de análise, YouTube, não é visto aqui de maneira separada da constituição relativa à identidade de um indivíduo. Afinal, assim como a liberdade do pensamento advindo das páginas impressas de um livro, que permitiu que o indivíduo pudesse se libertar das normas reguladoras da igreja na era do iluminismo. O YouTube é um ambiente onde o “eu” busca encontrar a si mesmo, e refletir sobre ele e seu papel na sociedade.

A emergência da cultura digital e seus sistemas de comunicação mediados eletronicamente põe a nu o modo como o sujeito era pensado até então. A cibercultura promove o indivíduo como uma identidade instável, como um processo contínuo de múltiplas identidades, instaurando formações sociais explicáveis pelas teorias pós-estruturalistas e desconstrucionistas que enfatizam o papel da linguagem no processo de constituição do sujeito. (SANTAELLA. 2007.p.91)

A partir do momento que consideramos a identidade fracionada, fragmentada, múltipla, etc., pode-se perceber o universo de possibilidades que antecedem e sucedem a identidade até que esta se reflita nas fronteiras do “eu” a que damos o nome de corpo.

O ambiente virtual funciona como uma porta a mais onde se busca conhecimento. É importante destacar que mesmo antes da internet as questões relativas a identidades já restabeleciam paradigmas por meio de suas alterações físicas e sexualidades que não seguiam uma “regra”, uma norma que por anos tentou-se (e tenta) regulá-las por meio de apelos essencialistas.

As identidades que moldamos e montamos para que corresponda às formas que visam seu conforto e pertencimento, talvez tente encontrar um espaço de aceitação e compreensão onde possa expressar-se.

Desta maneira a desconstrução do senso comum permite, talvez, abrir uma porta para o diálogo e não imposição de uma condição social.

4- As representações no YouTube

Em relação aos sistemas de representação midiáticas anteriores à era digital, e os sites do compartilhamento de vídeos como o YouTube; as representações possuíam aspectos quantitativos relativamente, e proporcionalmente, limitados no que diz respeito as informações referentes às identidades LGBT, suas formas, expressões, comportamentos, costumes, valores, entre outras nuances culturais identitárias. Desta maneira, o acesso ao universo digital do site de compartilhamento de vídeos, traz um considerável aumento na representatividade destas identidades bem como o acesso a informação sobre o indivíduo.

Com o aumento das “formas” identitárias inerentes aos grupos LGBT, as pessoas e os discursos são variados, possibilitando de certa forma, que outras perspectivas dialógicas sejam trazidas de forma mais massiva aos campos sociais *off-line* do cotidiano.

O reforço do senso comum de uma identidade reproduzido midiaticamente, talvez, consolide uma forma única e estereotípica de uma identidade, por exemplo, o homossexual engraçado, que nada mais é do que um piadista em um programa dominical, e com isso impossibilitando socialmente a sua ascensão a outros campos sociais ou profissionais, já que o mesmo não é levado a sério dentro do sistema social.

Há também a desconstrução necessária à identidade da mulher transexual ou travesti, que por falta de uma diálogo social mais efetivo, o senso comum diz à sociedade que esta é cabelereira ou profissional do sexo, deste modo a abertura profissional á outras áreas de atuação é dificultada.

A sutileza da ação do sistema social consolidado, que aloca as identidades em suas áreas de atuação profissional e pessoal, reflete a colocação compulsória destas identidades, seja em formato de piadas ou reprodução de estereótipos que faz com que existam áreas de atuação que são mais “amigáveis” às pessoas LGBT, como, por exemplo: Artes, comunicação, psicologia, entre outros.

5- As representações LGBT no YouTube

Se as representações forem compreendidas como um jogo de tensões que influencia e é influenciada por uma dinâmica social que implica no jogo de quem eu quero ver e quem eu quero mostrar, e as identidades do sujeito são interpretadas e reinterpretadas inúmeras vezes por meio de um inexorável fluxo de signos que ao encontrarem outro sujeito adquirem um significado.

De maneira que ao pautar-se em somente em uma forma de representação não há outras percepções que um indivíduo pode ter sobre si e sobre a representação do outro, não que de alguma maneira este jogo crie um indivíduo. O desconforto com a identidade pode continuar a existir, porém o reforço de uma representação, talvez, colabore para que os mecanismos sociais de regulação destas identidades não permitam que esta seja vista para além daquilo.

Quando aplicamos tais percepções a pessoas com identidades LGBT não estamos falando somente sobre a maneira como pessoas que não possuem esta identidade a percebem, e sim como próprio indivíduo se enxerga em sua representação e sua convivência social.

Considerando a dinâmica social relacional que é estabelecida durante os processos inerentes a constituição da identidade, no qual “O que somos e O que não somos”, ganha significado.

A produção de conteúdos realizada por identidades declaradamente LGBT que falam sobre si, potencialmente representam, ou não, o ponto de vista de muitas outras identidades LGBT e não LGBT, e talvez este aspecto diversificado sobre o ponto de vista destas identidades traga a possibilidade de desconstruir os seus aspectos significantes dentro do discurso social adotado (DERRIDA. p.230.2002), que em seu

deslocamento metafórico das identidades permite que as mesmas sejam observadas por outras perspectivas discursivas.

A exemplo, algumas das representações LGBT encontradas no YouTube. Após pesquisar por palavras chaves como: LGBT, Canal LGBT, Gay, lésbica, transgênero, bissexualidade, foram selecionados os principais canais que falavam sobre esta temática na perspectiva destas identidades. Como resultado desta busca obtém-se:

Põe Na Roda

“Humor e informação fora do armário! A cada inscrito, uma lanterna será doada para o novo casaco do Elton John” (Descrição do Canal Põe na Roda).

De maneira bem humorada, o canal é idealizado por Pedro HMC e Nelson Sheep, que trazem diferentes discursões inerentes ao universo LGBT.

O primeiro Vídeo do canal intitula-se “Não é por ser gay que eu...” que traz a fala de diversas pessoas que se identificam como gays, desconstruindo noções estereotipadas do homem homossexual, como depilar-se, cultivar o corpo, gostar de um determinado gênero musical, entre outros. O título ganhou outros segmentos dentro do canal com os títulos: “Não é por ser Lésbica que eu...”, “Não é por ser bissexual que eu...” e recentemente “não é por ser *trans* que eu...”; todos com o mesmo formato que busca desconstruir o senso comum destas identidades.

Muro Pequeno

Oieeeee, seja bem viado ao Muro Pequeno! Eu sou o Murilo, uma bicha preta cristã e militante, fazendo uns vídeos aqui pra falar de sonhos, desafios e aleatoriedades, problematizando a vida, espalhando amor e viadagens por aí. (Descrição do Canal Muro Pequeno)

O canal traz diferenciados tipos de discussão sobre assuntos do universo LGBT, como questões de Gênero, Racismos, papéis sexuais, relacionamentos, entre outros, da perspectiva de um homem Gay e negro como o próprio se intitula, enfatizando sua militância nestas questões.

Mandy Candy

“Sabe aquela trans doidinha que posta vídeo falando bobagem? SOU EU! olha que tri! Hazô Fechô!” (Descrição do Canal Mandy Candy)

Mandy é uma mulher transexual, que compartilha em seu canal aspectos da sua vida, que passa pela sua compreensão sobre si mesma como mulher transexual, relacionamento, família, mercado de trabalho, etc. fomentando discussões a partir de seu lugar de fala.

Fora da Casinha

Fala meu povo! Este é o Fora da Casinha, muita bobagem rola por aqui maaaaas também tento dizer coisas que possam ajudar vocês a pensarem e a resolverem questões das suas vidas. Se as bobagens que eu falo aqui fazem sentido pra você significa que você não se permite ser uma pessoa conformista e de mal com a vida, então entra pra galera, seja também um fora da casinha! (Descrição do Canal Fora da Casinha)

Guigo Kieras, fomenta diálogos com temas variados, entre eles assuntos como sexo, relacionamento, heteronormatividade, sexualidade, entre outros, são abordados de uma maneira descontraída, tanto ao tratar destes assuntos como ao responder aos odiadores (*Haters*).

Para Tudo

“Lorelay Fox, Drag Queen há mais de 12 anos! Aqui no canal Para Tudo compartilhando reflexões, papo furado, além de dicas de maquiagem!” (Descrição do Canal Para Tudo)

Danilo da vida a personagem Lorelay Fox, o alter ego ajuda a trazer reflexões sobre o Universo LGBT, abordando-os de uma maneira que transita entre o bom humor e a seriedade, dependendo do assunto. Alternando entre Danilo, e a personagem Lorelay Fox, este aborda questões de preconceito, gênero, maquiagem, etc. Com assuntos voltados para o público LGBT. Danilo representa a arte Drag Queen que é fortemente presente na Cultura LGBT.

Canal das Bee

Não só um canal contra a homofobia. Um canal contra o preconceito, contra a transfobia, a bifobia, a lesbofobia, o machismo. Um canal a favor da diversão, do riso e de viver a vida do jeito que você quiser. E principalmente, sendo quem você é! (Descrição do Canal das Bee)

O canal das *bee* já está há bastante tempo no YouTube e fomenta discussões relativas ao corpo, saúde, cultura LGBT, Machismo, e outras. Sendo apoiado de um público LGBT bem jovem, o que motivou um projeto de financiamento coletivo para prestar apoio a LGBTs.

Projeto Boa sorte

“Canal oficial do Projeto Boa Sorte para divulgar as suas ações e difundir informações sobre HIV e temas transversais” (Descrição do Canal Projeto Boa Sorte)

Gabriel Estrela é um Homem homossexual vivendo com HIV, como o mesmo autoreferencia-se. Desta perspectiva este trata de assuntos mais voltados para o tema do HIV da perspectiva de um homossexual. O fomento a tal diálogo possui grande importância na desconstrução do preconceito não somente a pessoas com a mesma condição sorológica, mas desconstruir estereótipos de saúde associados a Identidades LGBT.

Estes são somente alguns dos canais observados na pesquisa, o site de compartilhamento de vídeos não oferece dados numéricos exatos sobre a quantidade de produtores de conteúdos dentro da especificidade da metodologia da busca aplicada, entretanto, ressalta-se que o foco deste artigo é a análise do site como um todo e não dos *Youtubers* (Produtores de conteúdo), canais e etc.

Além dos *Youtubers* LGBT.

Além dos canais com temática LGBT outras formas de representação são observadas, o site de compartilhamento de vídeos promove a possibilidade de acesso à forma de arte produzida por identidades LGBT.

A exemplo do que está sendo dito, no campo da música a artista MC Trans, pode divulgar seu trabalho na área do Funk, por meio de seus clipes; assim como o cantor Rico Dalasam, Pablo Vittar, Banda UÓ, formada juntamente com a apresentadora Mel

Gonçalves do programa Estação Plural da emissora TV Brasil, que é uma mulher trans e divide o programa com outros dois apresentadores LGBT, Ellen Oléria, Cantora e Fernando Oliveira, Jornalista. entre outros artistas que contribuem com produção de conteúdo e representações sociais LGBT tanto na TV aberta quanto no YouTube plataforma onde os programas apresentados (na emissora TV Brasil) são compartilhados.

Dentre estes observa-se outro aspecto relevante para a perspectiva desconstrucionista dos estereótipos LGBT, nos exemplos já citados é possível observar as identidades LGBT atuando em diferentes áreas profissionais, sejam como apresentadores, cantores (de diferentes gêneros musicais), atores, publicitários, entre outros aspectos profissionais, que os mesmos compartilham dentro de suas histórias.

Estes são somente alguns exemplos que podemos citar como representações do site de compartilhamento de vídeos YouTube, que funciona como plataforma informativa que permite a abrangência de representações e perspectivas sociais diversificadas Sobre a temática referentes as identidades Gays, Lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais entre outros grupos que se situam politicamente entre as siglas.

A pluralidade das perspectivas dialógicas das mesmas identidades, contribuí para mudança dos significados e significantes das identidades LGBT, desta maneira desconstruindo socialmente o senso comum consolidado na temporalidade.

A questão da concepção subjetiva da identidade do sujeito, da perspectiva cultural esta relacionado ao discurso no qual este está inserido, a diferença de fato não se daria em relação ao outro, a diferença se daria ao outro do discurso, no outro da linguagem empregada a qual a identidade está sujeita sendo assim o significado desta diferença não possui uma consistência que a torne absoluta.

Talvez, o ato de referir-se às identidades LGBT como minoria já funcione como um mecanismo de regulação identitária ao passo que estas identidades são colocadas como a menor parte de um contexto social, contudo, entende-se que o aspecto representacional na cibercultura, potencialmente, traga este conforto para a expressão identitária no contexto social, haja vista que o próprio sistema social age massivamente para que as identidades LGBT não sejam acomodadas de forma inclusiva, desta forma,

possivelmente, obrigando várias pessoas que se identificam como LGBT, não se manifestarem socialmente no dia a dia.

A minoria em questão poderia ser em representação social, ou política, mas talvez quantitativamente falando, ainda seja uma utopia acreditar que todas as pessoas têm a liberdade ou mesmo compreensão de suas próprias identificações.

O questionamento da estrutura social em que as identidades estão inseridas por sua vez, merecem a reflexão sobre seus aspectos democráticos inclusivos, que funcionam de uma maneira não muito favorável ao diálogo ou expressão das identidades, dizer que se pode falar abertamente, implica em diversos aspectos sociais que garantem, talvez, o princípio básico para uma plataforma democrática dialógica, a segurança.

Assim a crença da centralidade identitária em uma estrutura é questionada em sua estruturalidade (Derrida, 2002) deslocando a noção de uma identidade ser a causa, efeito, consequência ou diferente, de uma identidade central, levando em consideração a construção de uma realidade que favorece a um determinado segmento identitário.

Logo, para que se desconstrua a noção do senso comum empregado a uma identidade por identidades dominantes, é necessário que seja dado voz a identidades silenciadas ou compulsoriamente alocadas em setores sociais, seja como identidades piadistas, sexualmente importantes ou cabelereiras.

6- Dentro do próprio segmento existe a pluralidade

Quando observados tais aspectos representacionais das identidades relativas a pessoas LGBT no YouTube, nota-se que generalização da identidade é empregada a nível social intracomunitário, pois a menor parte das representações LGBT ainda são as identidades relativas a pessoas negras e/ ou acima do peso.

A menor representatividade de tipos físicos ou etnias indica uma estrutura que dificulta a participação de determinados aspectos destas mesmas identidades dentro do segmento LGBT, com menor quantidade de representantes ou mesmo vozes que tragam reflexões sociais em primeira pessoa.

Ambos os aspectos “dentro” e “fora” da própria comunidade LGBT denunciam a necessidade de mudanças, de significados e desconstruções a partir de diálogos reconstrutivos, que propiciem conforto social identitários dentro ou fora de sua própria estrutura de participação social.

Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o mesmo e o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade uma fantasia de incorporação [...]. (HALL. 2014. P106)

Apesar de existirem de fato processos diferenciativos entre indivíduos de um mesmo seguimento político social, neste caso o LGBT, os possíveis conflitos sobre a maneira como estas identidades podem ou não ser expressas dentro de sua estrutura política são inerentes ao debate identitários.

É perfeitamente comum que se acredite em uma forma única e estruturada de performance relativa as próprias identidades, dentro do mesmo grupo social, desta maneira tende-se a rotular ou mesmo colocar estas identidades dentro de um padrão comportamental, seja em sua forma física, etnia, posição sexual. A exemplo percebe-se a construção de um senso comum sobre o culto ao corpo pelo homem homossexual, ou uma feminilidade mais aparente ao indivíduo que exerce a posição sexual passivo em uma relação homoafetiva, bem como a crença de uma postura masculinizada para seu oposto sexual.

Ao que parece, esta crença sem um fundamento de fato lógico se baseia na construção social que é feita sobre a estrutura do masculino e feminino, homem e mulher, homossexual e heterossexual. Em sua construção binária desconsiderando toda as infinitas variáveis de expressões, forma física, performance de gênero, etnias, que são inerentes a identidade e os processos de identificação.

Desta maneira o Próprio YouTube, oferece bem mais representações LGBT, que socialmente representam a própria desconstrução destes mesmos paradigmas comportamentais.

7- A diferença faz parte da identidade.

Marcamos nossa própria identidade quando identificamos o que faz parte dela e o que não faz parte dela de maneira simbólica sinalizando quem se é, e obrigatoriamente dizendo que você não é o outro.

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade faz parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. (SILVA.T.2014.p.75)

A constituição da nossa identidade é relacional. Se somos alguma coisa é porque não somos alguma outra coisa. Este processo é resultado do processo de identificação, ou processo de diferenciação e esta noção é refletida no processo de produção linguística.

A identidade, diferença, bem como a linguagem é um processo social e cultural, a partir do momento em que se deixa claro seu processo de criação, produção, articulação, nega-se a razão natural para a mesma. Apesar de nascermos dentro de uma linguagem e em seus mais complexos processos, têm-se a oportunidade de escolher onde aqueles simbolismos linguísticos representam as nossas perspectivas ou não, afinal, é pouco provável que alguém tenha cavado a terra e “encontrado” uma cultura, linguagem, uma identidade ou mesmo a diferença.

Os sistemas gestuais, comportamentais, simbólicos, que estabelecem os significados que “conectam” simbolicamente determinados grupos dentro de um sistema de significação. Talvez seja possível aplicar o mesmo raciocínio para uma pessoa transexual quando modifica o seu corpo, colocando próteses, alterando suas formas, roupas, comportamentos, para corresponder à percepção simbólica do feminino ou do masculino, e o que tais mudanças significam para aquele indivíduo. Estes significados são expressos no corpo que esta identidade ocupa e como ela que ser vista pela sociedade.

O processo de identificação e diferenciação talvez faça parte de uma relação de poder, o poder de definir quem se é e quem não se é, e quem faz parte de um grupo e quem não faz parte de determinado grupo. Desta perspectiva concordando com Tomaz T. Silva (2014.p.81), quando este diz que o poder de definir a identidade e marcar a diferença não difere das outras formas de poder mais amplas.

Este poder de incluir e excluir e identificar e diferenciar talvez possa facilmente transmutar-se em “puros e impuros”, “bons e maus”, “certo e errado”, “desenvolvidos e primitivos” entre outras tantas formas de absolutismo que posam ter como resultado atitudes um tanto quanto representativas de uma forma negativa em contextos históricos.

Um dos processos mais sutis do estabelecimento de uma “supremacia” identitária talvez seja o processo de “normalização” de um comportamento, haja vista que em uma lógica simples, todos os outros comportamentos que se diferenciam do “normal” são tidos como “anormais”.

A cibercultura fornece um solo fértil, no qual o autoconhecimento prolifera e o reflexo destas “novas” formas do ser humano se interpretar e atuar em sociedade inclui entre outros, a forma como este vivencia sua interpretação do masculino e do feminino, do homem e da mulher, do jovem e idoso, entre outros.

8- Conclusão

Antes dos expressivos corpos tridimensionais que os olhos se deparam dia pós dia nas ruas, nos ambientes de trabalho, em casa, ou mesmo os corpos bidimensionais vistos nas telas digitais ou em outras infinitudes de lugares que frequentamos. Existem indivíduos que são constituídos de um universo incalculável e nem sempre razoável, coerente ou mesmo pleno, para os próprios.

Os indivíduos e suas fronteiras são contínuas construções sociais fragmentadas, fracionadas, que se desenvolvem em sociedade e significam suas próprias experiências de pertencimento.

Conectadas ao mundo, as identidades tornam-se cada vez mais líquidas, pois existe uma infinidade de representações, significações, linguagens, posturas, símbolos..., que o mesmo indivíduo pode adotar ou não.

As tecnologias, na constituição das identidades, exercem, o papel significativo, a partir do momento que as amarras estereotípicas da mídia que se percebia no passado,

no qual era interessante para a venda de um produto ou de uma imagem, aumentando quantitativamente o leque de representatividades identitárias.

Encontra-se, no ambiente digital, a representação de vários corpos, que compreendem diferentes identidades, faixas etárias, formas físicas, corpos que expressam diferentes sexualidades, gêneros, pensamentos, entre outros aspectos humanos, que fomentam novos discursos e debates, possibilitando a oportunidades de questionar e questionar-se dentro de um universo de compreensões sociais.

Talvez o homem razoável e cartesiano esteja com os dias contados e a cibercultura e o site de compartilhamento de Vídeos YouTube, esteja contribuindo massivamente para isso, mostrando outros significados possíveis para as mesmas identidades, dando acesso a um universo sem identidades, ou melhor, HIPER identitário, em que meninas não precisam ser somente princesas e meninos somente príncipes, homens não precisam ser líderes provedores; onde a cor rosa e azul não possuem associação a um gênero, e as vovós e vovôs não precisam mais viver somente para os netinhos.

De modo que na dinâmica social em que vivemos, as múltiplas identidades não ficam somente no ambiente “virtual” ou digital, estes influenciam no mundo “real”, já que não é possível ver uma linha que consolide ou justifique uma separação destes dois universos, que coexistem vivendo em uma dinâmica tensão de maneira direta ou indireta.

Deste modo as identidades de pessoas Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, entre outras infinitas identidades que se sentem acolhidas em sua representação social e política pelo acrônimo LGBT, podem optar pela forma de representação que melhor cabe a sua percepção sobre si e sobre o outro, e por meio destas representações e seus impactos sociais fomenta-se uma desconstrução de uma postura social mais inclusiva, por meio de debates e vivências com o outro.

É importante ressaltar que as representações identitárias LGBT no YouTube são maiores em relação às mídias convencionais, por assim dizer. Contudo, ainda nota-se menor representatividade numérica de identidades transexuais, negras, entre outros, nos levando a pensar sobre um sistema maior de regulação que não só permite que um segmento identitário tenha mais acesso a tempo e estrutura para a produção de conteúdo e representações LGBT que outros grupos; desta forma considerando em termos

relativos uma democrartização dos lugares de fala de pessoas LGBT, mas ainda com ressalvas sobre a inclusão e inserção destas identidades na cibercultura.

Referencias Bibliográficas

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo. Perspectiva. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da Identidade**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2015.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica a Violência ética**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2015.

DERRIDA, Jacques. **A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas**. In: A Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 229-249.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal,1999.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. São Pulo. Ed. WMF Martins Fontes Ltda. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade** Vol I. Rio de Janeiro, Graal, 1988

GOFFMAN. E. **Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

HALL, Stuart, **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Edt. UFMG. 2003

HALL, Stuart, **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 2006

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação: Ideias conceitos e métodos**. Petrópolis RJ. Vozes, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: Sintoma da Cultura**. São Paulo, PAULUS, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo, PAULUS,2007.

SILVA, T.T; HALL, Stuart; WOODAWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. Ed Vozes 2014.

WEBER, M. H. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação.** Porto Alegre. Sulina, 2001.

SPIVAK, G. Chakravorty. **Pode o subalterno falar?.** Belo Horizonte, Edit. UFMG. 2010